

O vôo possível de cada tucano

Os principais dirigentes do PSDB têm razões de sobra para manter o partido afastado da luta do segundo turno. É que a maioria tem motivos políticos regionais ou até mesmo pessoais. Aqui, o pensamento de cada um:

Franco Montoro — O presidente nacional dos tucanos quer manter sua posição de magistrado. Sua palavra será a decisão oficial do partido. Mas, por sua formação democrata-cristã, Montoro rejeita — e já confidenciou isso aos amigos mais íntimos — coligação com Lula. Não concorda com a execução do hino da Internacional Socialista ao fim dos comícios do PT. E acha que Fernando Collor e seu PRN estão muito distantes da proposta da Social Democracia Brasileira.

Fernando Henrique Cardoso — O senador paulista veria com bons olhos uma coligação para apoiar Lula. Mas rejeita intransigentemente a abertura de negociações com Collor ou com Brizola.

Pimenta da Veiga — Já deixou público seu repúdio a entendimentos com Collor de Mello, cujos vínculos com o governador Newton Cardoso foram visíveis no primeiro turno. E também não tem qualquer simpatia por Lula, que surgiu como uma força nova em Minas Gerais.

José Richa — Rejeita o acordo com Lula. Poderia aceitar com mais tranquilidade uma coligação com Brizola ou Collor. Mas teme que isso leve o PSDB a uma desagregação. Assim, defende a libe-

ração dos tucanos para que cada um apoie quem quiser.

Teotônio Vilela Filho — O senador alagoano, até por razões políticas regionais, rejeita Collor de Mello. Acha que, pela linha progressista de centro-esquerda, o PSDB deveria apoiar Lula ou Brizola. Mas aceita a tese da liberação.

Arthur Neto — O prefeito de Manaus (AM), que foi consultado por telefone na quinta-feira, confirmou que votará no candidato de esquerda que sair para o segundo turno, ou seja, Lula ou Brizola.

Euclydes Scalco — O líder do PSDB na Câmara dos Deputados quer que o partido se mantenha unido. Por isso, defende a liberação do seus membros "para evitar um esfacelamento dos tucanos".

Tasso Jereissati — O governador do Ceará, que deverá formalizar nos próximos dias seu ingresso no PSDB e participou da reunião de quinta à noite, em São Paulo, também defende a união do partido. Para ele não é conveniente apoiar Collor mas rejeita com igual força os vínculos eventuais com Lula, porque ele é socialista e Tasso defende a livre iniciativa.

Mário Covas — Em diversas ocasiões, o candidato tucano demonstrou simpatia por Lula. Mas agora, até por ter participado do primeiro turno contra o candidato petista, prefere a tese da união do partido pela liberação de seus integrantes para votarem em quem quiser.